

Luiz Biajoni

QUATRO VELHOS

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2018



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260
penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Anna Guedes
Cris Vieira
Daniel Zanella

PROJETO DE CAPA
Matheus Souza

FINALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B576Q BIAJONI, LUIZ. 1970.
QUATRO VELHOS / LUIZ BIAJONI.
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2018.

172 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-466-2

1. ROMANCE I. TÍTULO

CDD.: B869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



PARTE 1





OS QUATRO VELHOS

1.

Orlando e Cecília Fioravante moravam na mesma casa há cinquenta e dois anos, desde que se casaram, em 1962. Lando tinha 22; Ciça, 20 anos. A casa era diferente do que é hoje, menor, presente do pai de Ciça, o Comendador Schmidt. Lando foi reformando e ampliando. Quando achou que ela estava boa e confortável, Ciça engravidou, tardiamente — dez anos depois de casados. Com a ajuda de um primo engenheiro, fizeram outra reforma para a construção de um quarto para o filho, André, que nasceu em 1973. Boa parte das economias de Lando foi consumida nessas reformas e na educação do filho — eles quiseram o melhor para o garoto.

Os pais de Lando morreram sem deixar herança, a não ser um mobiliário gasto e um toca-discos alemão em ótimo estado, um Perpetuum Ebner 1950, assim como alguns LP's velhos e empoeirados. O que tinha sobrado da estimada fortuna do Comendador, pai de Ciça, foi dividido entre três filhas oficiais e dois filhos bastardos — Ciça usou o dinheiro para a faculdade

de André, na Califórnia. Em 1992, Lando aposentou-se como ferramenteiro na Goodyear Pneus, uma aposentadoria especial com bônus de insalubridade; Ciça nunca trabalhou fora. Em 1994, eles estavam sozinhos: os pais de ambos haviam morrido, o irmão mais velho de Lando e as duas irmãs mais velhas de Ciça, também; e André estava morando com uma garota em Sacramento, CA, trabalhando em uma agência de publicidade. Nos anos seguintes, André vinha ao Brasil com regularidade, em especial para as festas de final de ano ou para o aniversário da mãe, em junho. Mas as visitas foram rareando — agora eles se falavam pelo telefone vez ou outra, protocolarmente.

A casa tinha ficado grande para eles, mas jamais pensaram em sair dali. Ela ficava numa quase esquina, com muros baixos e um jardim na varandinha, de onde era possível ver a grande praça do bairro na esquina perpendicular. Em fins de tarde, Lando e Ciça sentavam-se ali e ficavam observando o movimento, as crianças brincando, sentindo a paz de morar em um local sossegado e seguro em uma cidade de médio porte. Nos fundos da casa, havia o “rancho” — um puxadinho coberto onde Lando mantinha sua bancada de ferramentas para pequenos consertos, experimentações, passatempo. Ele gostava de cortar madeira, criar cadeiras ou pequenas esculturas, apoios para painéis, molduras, porta-retratos. Vivia consertando coisas para os vizinhos e presenteando as pessoas dali com o que produzia. No rancho, Lando usava também a vitrola antiga do pai, onde ouvia

suas *musas*, como as chamava — os discos antigos, dos quais ele cuidava com esmero, eram obras de Anita O’Day, Peggy Lee, Rosemary Clooney, Helen Merrill e Judy Garland, entre outras cantoras brancas de jazz. Ciça cuidava do jardim, cozinhava e via TV. Eventualmente, conversava com as vizinhas ou ia ao mercadinho do bairro. Lando tomava cerveja e cochilava numa espreguiçadeira após o almoço, ouvindo música.

Com a vida calma e sem grandes emoções, ambos apresentavam boa saúde. Até meados dos anos 1980 os dois fumavam, mas deixaram o vício; primeiro ela, depois ele. Ciça tinha a respiração curta, cansava-se com facilidade, mas o problema era aparentemente congênito — ela tinha deixado o balé, pouco antes de se casar, por causa daquilo. Lando vinha sofrendo com uma catarata progressiva e com dores nas articulações, que chegaram junto com a aposentadoria. Não iam ao médico, não se preocupavam muito com isso: achavam que a morte ia chegar quando chegasse e ninguém iria salvá-los do inexorável destino.

Em 2008, dois fatos fortuitos mudaram um pouco a rotina dos dois. Primeiro, Lando bateu o carro contra um poste, e o vendeu para nunca mais dirigir — já não enxergava como antes e não queria operar ou usar óculos. Os pequenos passeios que às vezes faziam, ao zoológico municipal, à igreja ou à casa de uma prima de Ciça, Zenaide, deixaram de acontecer. As compras, feitas quinzenalmente num supermercado, passaram a ser semanais, num mercadinho do bairro, dois quarteirões abaixo

da casa deles. O segundo acontecido foi com seus vizinhos de mais de trinta anos, os Almereida. Os filhos colocaram o casal num asilo e a casa para alugar. Lando e Ciça eram muito amigos dos Almereida, tinham mais ou menos a mesma idade deles. Acharam uma crueldade o que os filhos fizeram e aquela casa vazia acrescentava certa melancolia às suas vidas.

Eles não se relacionavam com os vizinhos de frente; era uma casa de aluguel que agora estava com um casal com filhos adolescentes que vivia fazendo festas com música alta e ruim; gente ruidosa e briguenta. Com os outros vizinhos, relacionavam-se de maneira cordial, mas sem laços de amizade real — muitos estavam morando ali há poucos anos, gente que eles viam passar pela calçada e com quem trocavam bons-dias, boas-tardes ou, muito raramente, boas-noites.

Desde a ida de André para os EUA e a aposentadoria de Lando, há quase vinte anos, era mais ou menos assim que tocavam a vida e acreditavam ser felizes.

E quem podia dizer que não eram?

2.

Eventualmente, alguém aparecia com a intenção de comprar ou alugar a casa dos Almereida, que estava com uma plaquinha de imobiliária. Lando ouviu dizer que os filhos do

casal queriam um valor muito alto pelo aluguel. Por esse valor, qualquer família preferiria um apartamento ou uma casa melhor localizada. Aquela era velha, mais velha que a deles, e mais deteriorada. Pintaram-na, fizeram alguns arremedios e, de vez em quando, alguém aparecia para limpá-la, deixando-a mais apresentável para interessados. Passaram-se quase dois anos até que um casal demonstrasse interesse real.

Certo sábado de manhã, enquanto Lando estava ouvindo *Judy at Carnegie Hall* e Ciça cuidava das orquídeas, um carro grande e chique estacionou diante da casa dos Almereida. Um casal idoso, porém mais jovem que eles, muito bem vestido, desceu e olhou demoradamente do lado de fora; o homem sacou as chaves do bolso, a mulher abriu um sorriso e, então, entraram. “Mais um”, pensou Ciça, e foi chamar o marido para ver. Eles ficaram debruçados no muro baixo esperando o casal sair para investigar a impressão que eles poderiam ter tido do imóvel.

Uns vinte minutos se passaram e eles saíram. A mulher, de *tailleur* preto e óculos escuros, se abanava com um leque e não parecia muito satisfeita. O homem tinha um sorriso amplo, com seu paletó azul-marinheiro. Viram Lando e Ciça ali, cumprimentaram educadamente com um menear de cabeça e entraram no carrão, partindo.

— Não vão ficar com a casa.

— São elegantes demais pra esse bairro —, considerou Ciça.

Composto em Alegreya e
impresso em Pólen Soft 80g/m²
em São Paulo para Editora Penalux,
em dezembro de 2018.